

O Teste de Ferro

Desde que nos conhecemos há dez anos – no primeiro evento de autógrafos de livro de Holly – nos tornamos não só grandes amigas mas também parceiras críticas e colaboradoras. Nós crescemos amando fantasia, e na última década ela renasceu. O que significa que os leitores estão familiarizados com os clichês da fantasia. Quando eles abrem um livro ou vão ver um filme de fantasia, eles esperam encontrar um herói escolhido, cujo solitário e importante destino é derrotar o vilão, qualquer que seja o sacrifício que ele tem que fazer.

Nós queríamos contar uma história sobre um protagonista que tinha todos os indicadores de herói: tragédia e segredos no passado e poder mágico. Nós queríamos que as pessoas acreditassesem que soubessem qual tipo de história estavam lendo. E aí nós queríamos surpreendê-las...

Muito obrigada por ser um dos primeiros leitores de O Teste de Ferro, o primeiro livro da série Magisterium.

Holly Black e Cassandra Clare

PARA SEBASTIAN FOX BLACK, SOBRE QUEM NINGUÉM ESCREVEU MENSAGENS AMEAÇADORAS EM GELO.

Prólogo

De certa distância, o homem se esforçando para subir a face branca da geleira parecia com uma formiga subindo lentamente o lado de um prato de jantar. A favela La Rinconada era uma coleção de pontos dispersos muito abaixo dele, o vento ia aumento conforme ela ia subindo, atirando rajadas de neve em sua face e congelando os cachos de seu cabelo preto. Apesar de seus óculos cor de âmbar, ele vacilou com o brilho do sol refletido.

Mesmo assim, o homem não tinha medo de cair, apesar de não estar usando corda ou linhas para se amarrar, apenas uma ponteira e um único machado de gelo. Seu nome era Alastair Hunt e era um mago. E mudava e moldava a matéria gelada da geleira debaixo de suas mãos enquanto escalava. Apoio para mãos e pés apareciam enquanto ele subia.

No momento em que ele chegou à caverna, no meio da geleira, ele estava quase congelado e completamente exausto por dobrar sua vontade para domar o pior dos elementos. Ele minou sua energia para exercer sua magia de forma contínua, mas ele não se atreveu a desacelerar.

A caverna se abria como uma boca no lado da montanha, impossível de se ver de cima ou de baixo. Ele se arrastou ao longo de sua borda e respirou profunda e irregularmente, amaldiçoando a si mesmo por não ter chego lá mais rápido, por se permitir ser enganado. Em La Rinconada, as pessoas haviam visto a explosão e sussurrado sobre o que aquilo significava, o fogo dentro do gelo.

Fogo dentro de gelo. Tinha que ser um sinal de socorro... ou um ataque. A caverna estava cheia de magos velhos demais para lutar ou muito jovens, os feridos e os doentes, mães de crianças muito jovens, que não ser deixados sozinhos - como a própria esposa e filho de Alastair. Eles tinham sido escondido aqui, em um dos lugares mais remotos da Terra.

Mestre Rufus tinha insistido que de outra forma eles estariam vulneráveis, entregues à própria sorte, e Alastair havia confiado nele. Então, quando o Inimigo da Morte não tinha aparecido no campo para enfrentar o herói dos magos, a garota Makar, na qual eles haviam postado toda sua esperança, Alastair percebeu o seu erro. Ele correu a La Rinconada o mais rápido que pôde, voando a maior parte do caminho nas costas de um Elemental de ar. De lá, ele fez o seu caminho a pé, pois o controle de elemento do Inimigo era imprevisível e forte. Quanto mais ele subia, mais assustado ele ficava.

Que eles estejam bem, ele pensava para si enquanto entrava na caverna. Por favor, deixe que estejam bem.

Lá deveria haver o som de crianças falando. Lá deveria haver o som do baixo zumbido de conversas acanhadas e o hesitante som de magia deprimida. Em vez disso, havia apenas o uivo do vento enquanto varria o pico desolado da montanha. As paredes da caverna eram branco gelo, crivado de vermelho e marrom sangue havia se espalhado e derretido em manchas. Alastair tirou os óculos e deixou-os cair no chão empurrando-se mais para dentro da passagem, com base nos restos de seu poder para se firmar.

As paredes da caverna emitiam um misterioso brilho fosforescente. Longe da entrada, era a única luz que ele conseguia enxergar, o que provavelmente explica por que ele tropeçou sobre o primeiro corpo que passou e quase caiu de joelhos. Alastair se afastou com um grito, e em seguida estremeceu quando ouviu seu próprio grito ecoar de volta para ele. A maga caída havia sido queimado até ficar irreconhecível, mas ela usava uma pulseira de couro com um grande pedaço de cobre martelado que marcava ela como uma estudante de segundo ano no Magistério. Ela não deveria ter mais que treze anos.

Você deveria estar acostumado à morte nesse momento, ele disse a si mesmo. Eles estavam em guerra com o inimigo por uma década, mas às vezes parecia um século. No início, parecia impossível - um homem jovem, até mesmo um dos Makaris, planejar conquistar a própria morte. Mas, conforme o Inimigo aumentou seu poder, e seu exército de Montadores do Caos cresceu, a ameaça tornou-se inevitavelmente terrível... culminando neste massacre impiedoso dos mais desamparados e dos mais inocentes.

Alastair levantou-se e foi mais fundo na caverna, desesperadamente à procura de um rosto acima de tudo. Ele forçou seu caminho passando sobre os corpos de mestres idosos do Magistério e do Colégio, filhos de amigos e conhecidos, e magos que tinham sido feridos em batalhas anteriores. Entre eles estavam os corpos quebrados dos Montadores do Caos, seus olhos escurecidos em turbilhão para sempre. Apesar de os magos estarem despreparados, eles deveriam ter tido uma grande batalha para derrotar tanto das forças do Inimigo. Horror agitando seu estômago, os dedos das mãos e pés dormentes, Alastair estava sentindo tudo isso... até que ele a viu.

Sarah.

Ele encontrou-a deitada bem no fundo, contra a parede de gelo nublado. Seus olhos estavam abertos, olhando para o nada. A íris estava escura e os cílios haviam sido grudados com gelo. Inclinando-se, ele passou os dedos sobre sua bochecha gelada. Ele prendeu a respiração bruscamente, seu soluço cortando o ar.

Mas onde estava o seu filho? Onde estava Callum?

Uma adaga estava presa na mão direita de Sarah. Ela havia se destacado em esculpir minérios convocados no fundo dos solos. Ela fez a Adaga em seu último ano no Magistério. Ela tinha um nome: Semiramis. Alastair sabia que Sarah dado muito valor a essa lâmina. *Se eu tiver que morrer, eu quero morrer segurando a minha própria arma*, ela sempre disse a ele. Mas ele não queria que ela morresse, na verdade.

Seus dedos roçaram sua bochecha fria. Um grito o fez chicotear ao redor. Nesta caverna cheia de morte e silêncio, um grito.

Uma criança. Ele se virou, procurando freneticamente pela fonte do esganiçado lamento. Parecia vir de mais perto da entrada da caverna. Ele mergulhou de volta pelo caminho que havia feito, tropeçando em corpos, alguns congelados como estátuas - Até que, de repente, um outro rosto familiar olhou para ele da carnificina.

Declan. O irmão de Sarah, ferido na última batalha. Ele parecia ter sido sufocada até a morte por um uso particularmente cruel de magia de ar. O seu rosto estava azul, os olhos marcados com vasos de sangue estourados.

Um de seus braços foi jogado bruscamente, e logo abaixo dele, protegido do chão da caverna gelada por um cobertor, estava o filho recém-nascido de Alastair. Enquanto olhava com espanto, o menino abriu a boca e deu mais fino, grito miado.

Como se estivesse em transe, tremendo de alívio, Alastair levantou seu filho. O menino olhou para ele com grandes olhos cinzentos e abriu a boca para gritar de novo. Como o cobertor caiu de lado, Alastair podia ver o motivo. A perna esquerda do bebê estava pendurada em um ângulo terrível, como um galho de árvore estalado.

Alastair tentou usar a magia da terra para curar o garoto, mas teve poder o suficiente somente para tirar um pouco da dor. Com o coração acelerado, ele enrolou seu filho no cobertor e fez o caminho de volta na caverna para onde Sarah estava. Segurando o bebê como se ela pudessevê-lo, ele se ajoelhou do lado do seu corpo.

— Sarah, — ele sussurrou, lágrimas presas em sua garganta. — Eu vou dizer a ele como você morreu tentando protegê-lo. Eu o criarei para lembrar o quanto corajosa você foi.

Os olhos dela se voltaram para ele, estava vazio e pálido. Ele segurou a criança mais perto do seu corpo e tentou pegar Semiramis da mão dela. Quando ele fez, viu que o gelo perto da lâmina estava estranhamente marcado, como se ela tivesse arranhado enquanto estava morrendo. Mas as marcas eram muito certas para ser isso. Quando ele se inclinou para mais perto, percebeu que eram palavras. Palavras que sua esposa tinha esculpido no gelo da caverna como seu último esforço antes de morrer.

Quando ele leu, sentiu como se tivesse levado três duros golpes no estômago.

MATE A CRIANÇA.

Capítulo Um

Callum Hunt era uma lenda na sua pequena cidade da Carolina do Norte, mas de um jeito não muito bom. Famoso por responder professores substitutos com comentários sarcásticos, ele também se especializou em irritar diretores, inspetores e as moças do lanche. Conselheiros, que sempre começavam tentando ajudá-lo (a coitada da mãe do garoto tinha morrido, afinal), terminavam torcendo para que ele nunca mais escurecesse a porta do escritório deles de novo. Não tinha nada mais constrangedor do que não conseguir responder um garoto de 12 anos furioso à altura.

A perpétua carranca de Call, seu cabelo preto bagunçado e os suspeitos olhos cinzas eram famosos na vizinhança. Ele gostava de andar de skate, mesmo que tenha demorado um tempo para pegar o jeito; vários carros possuíam arranhões de suas tentativas mais antigas. Ele frequentemente era visto à espreita da janela da loja de quadrinhos, do fliperama, e da loja de vídeo game. Até o prefeito o conhecia. Seria difícil esquecê-lo depois que ele se infiltrou na pet store local durante a Parada do Primeiro de Maio e pegou uma toupeira que ia servir de comida papara uma jiboia. Ele se sentiu mal pela criatura enrugada e cega que parecia incapaz de se defender – e, para ser justo, ele também libertou todos os ratos brancos que seriam os próximos no cardápio do jantar da cobra.

Ele nunca esperaria que os ratos iriam correr furiosamente sob os pés das pessoas na parada, mas ratos não são muitos espertos. Ele também não esperava que as pessoas iam correr dos ratos, mas as pessoas também não são muito espertas, como o pai de Callum havia explicado depois que tudo acabou. Não era culpa de Callum que a parada havia sido arruinada, mas todo mundo – o prefeito, principalmente – agiu como se fosse. Além disso, seu pai fez Callum devolver a toupeira.

O pai de Callum não aprovava roubos.

Até onde ele sabia, era quase tão ruim quanto mágica

Callum se mexia na cadeira rígida na frente do escritório do diretor, se perguntando se estaria de volta à escola no dia seguinte, e se alguém sentiria sua falta se não estivesse. Ele repetidamente repassava em sua cabeça as várias maneiras pelas quais ele deveria ser reprovado no teste de mago – de preferência, a pior possível. Seu pai havia listado as opções para a reprovação repetidamente: *Deixe sua mente completamente em branco. Ou se concentre no contrário do que aqueles monstros querem. Ou foque sua mente no teste de outra pessoa.* Call massageou sua panturrilha, que estava rígida e dolorosa na aula daquela manhã; às vezes ficava assim. Quanto mais crescia, mais parecia doer. Pelo menos na parte física do teste de mago – qualquer que fosse – seria fácil de conseguir ser reprovado.

Ele conseguia ouvir os outros alunos na aula de educação física no fim do corredor, seus tênis fazendo barulho no chão de madeira reluzente, suas vozes se elevando enquanto eles gritavam provocações uns aos outros. Ele desejou só uma vez que ele pudesse brincar. Ele podia não ser rápido como as outras crianças, ou conseguir se equilibrar, mas ele estava cheio de energia inquieta. Ele foi dispensado da aula por causa de sua perna; até no ensino

fundamental, quando ele havia tentado pular ou correr no recreio, um dos inspetores viria lembrá-lo de que ele precisava ir com calma para não se machucar. Se ele continuasse, iriam chamá-lo lá dentro.

Como se alguns machucados fossem a pior coisa que podia acontecer a alguém. Como se sua perna fosse piorar.

Callum suspirou e ficou olhando pela portas de vidro da escola o lugar onde seu pai chegaria em breve. Ele tinha o tipo de carro que você não deixaria de notar, um Rolls-Royce Phantom de 1973, pintado de prata brilhante. Ninguém na cidade tinha nada como aquilo. O pai de Call era dono de uma loja de antiguidades na Rua Principal chamada De Vez em Quando; ele não gostava de mais nada do que pegar coisas velhas quebradas e deixá-las novas e brilhantes. Para o carro funcionar, ele tinha que fazer reparos nele quase todo fim de semana. E estava sempre pedindo para Call lavá-lo e colocar uma cera estranha de carro para não enferrujar.

O Rolls-Royce funcionava perfeitamente... diferente de Call. Ele olhou seus tênis enquanto batia de leve os pés no chão. Quando usava jeans desse jeito, não dava pra perceber que havia algo errado com sua perna, a não ser quando ele se levantava e andava. Ele havia feito várias cirurgias desde que era um bebê e todas as fisioterapias, mas nada ajudou de verdade. Ele ainda mancava como se estivesse tentando se equilibrar num barco que ia de um lado pro outro.

Quando era mais novo, ele as vezes brincava que era um pirata, ou até mesmo um bravo marinheiro com uma perna de pau, afundando com um navio depois de uma longa luta de canhões. Ele brincava de piratas e ninjas, cowboys e exploradores alienígenas.

Mas nenhuma brincadeira envolvia magia.

Nunca.

Ele ouviu o ronco de um motor e começou a se levantar – só para voltar para o banco irritado. Não era seu pai, só uma Toyota vermelha comum. Logo depois, Kylie Myles, uma menina da sua idade, passou por ele apressada, com uma professora do lado.

– Boa sorte nos seu teste de balé - disse Ms. Kemal a ela, e voltou para sua sala de aula.

– É, obrigada. – disse Kylie, depois olhando estranhamente para Callum, como se o avaliasse. Kylie *nunca* olhava para Call. Era uma das coisas que a definia, como o cabelo loiro brilhante e sua mochila de unicórnio. Quando estavam nos corredores juntos, seu olhar o atravessava como se ele fosse invisível.

Com um aceno mais estranho e surpreendentemente, ela se dirigiu para o Toyota. Ele conseguia ver seus pais no banco da frente, parecendo ansiosos.

Ela não podia estar indo para onde ele estava, podia? Ela não podia estar indo para o Teste de Ferro. Mas se ela estivesse...

Ele se levantou da cadeira. Se ela estava indo, alguém deveria avisá-la.

Várias crianças pensam que é sobre ser especial, o pai de Callum havia dito, o desgosto evidente em sua voz. Seus pais também pensam assim. Principalmente nas famílias nas quais habilidades mágicas vem de gerações antigas. E algumas famílias nas quais a mágica praticamente acabou, eles veem uma criança mágica como uma esperança de uma volta ao poder. Mas são das crianças sem parentescos mágicos que você deve ter pena. Eles são os que pensam que vai ser como nos filmes.

Não é nada parecido com os filmes.

Nesse momento, o pai de Callum havia chegado no meio-fio da escola com os freios guinchando, bloqueando a visão de Call de Kylie. Call mancou em direção às portas, mas quando ele chegou até o Rolls, o Toyota dos Myles estava virando a esquina e sumindo de vista.

Tarde demais para avisá-la.

– Call. – Seu pai havia saído do carro e estava apoiado na porta do passageiro. Seu monte de cabelo preto - do mesmo jeito embaraçado do de Callum – estava ficando branco nos lados, e ele usava uma jaqueta de tweed com cotovelo de couro apesar do calor. Call frequentemente pensava que seu pai parecia o Sherlock Holmes da série antiga da BBC; às vezes as pessoas se surpreendiam que ele não tinha sotaque britânico. – Você está pronto?

Call encolheu os ombros. Como você poderia estar preparado para algo que poderia acabar com a sua vida se você errasse? Ou acertasse, nesse caso.

– Acho que sim.

Seu pai abriu a porta do carro.

– Bom. Entre.

O interior do Rolls estava tão limpo quanto o exterior. Call se surpreendeu ao achar seu velho par de muletas jogadas no banco de trás. Ele não havia precisado delas em anos, desde que ele caíra de um trepa-trepa e torcera o tornozelo – o tornozelo da perna *boa*. Quando o pai de Call entrou no carro e ligou o motor, Call apontou para elas e perguntou:

– O que elas estão fazendo aqui?

– Quanto pior você parecer, maior as chances de ser rejeitado, – disse seu pai sombriamente, olhando para trás enquanto saíam do estacionamento.

– Isso parece trapacear, – Call contestou.

– Call, as pessoas trapaceiam para *ganhar*. Você não pode trapacear para perder.

Call revirou os olhos, deixando seu pai acreditar no que quisesse. Tudo que Call tinha certeza era que não ia usar as muletas de jeito nenhum se pudesse. Ele não queria discutir sobre isso, porém, não hoje, quando o pai de Call já tinha, diferentemente do normal,

queimado a torrada no café da manhã e vociferado com Call quando ele reclamou de ir a escola só pra sair duas horas depois.

Agora seu pai se dobrava sobre o volante, o maxilar contraído e os dedos de sua mão direita apertando a marcha, mudando de marcha com uma violência não efetiva.

Call tentou focar o olhar nas árvores lá fora, cujas folhas começavam a amarelar, e a lembrar tudo que ele sabia sobre o Magistério. A primeira vez que seu pai havia dito algo sobre os Mestres e como eles escolhiam seus aprendizes, ele havia colocado Call para sentar em uma das grandes cadeiras de couro em seu escritório. O cotovelo de Call estava enfaixado e seu lábio rachado de uma briga na escola, e ele não estava no clima de ouvir nada. Além disso, seu pai estava tão sério que Call estava com medo. E o jeito que seu pai falava, também, como se ele fosse dizer que Call tinha uma doença terrível. Acabou que a doença era um potencial para a mágica.

Call tinha se encolhido na cadeira enquanto seu pai falava. Ele estava acostumado a implicarem com ele; as outras crianças pensavam que sua perna o tornava um alvo fácil. Geralmente ele conseguia convencê-las que não era. Dessa vez, porém, foram vários garotos mais velhos que o tinham encerrado atrás do galpão perto do trepa-trepa quando ele estava voltando da escola. Eles o empurraram e vieram para cima dela com os insultos de sempre. Callum havia aprendido que a maioria das pessoas se retraía quando ele as enfrentava, então ele tentou acertar o garoto mais alto. Aquele foi seu primeiro erro. Logo ele estava no chão, um dos garotos sentado nos seus joelhos enquanto outro o socava no rosto, tentando fazer Call se desculpar e admitir que era um palhaço manco.

– Desculpa por ser incrível, perdedores, – disse Callum, antes de desmaiá.

Ele devia ter apagado apenas por um minuto, porque quando ele abriu os olhos, conseguia ver as silhuetas dos garotos indo embora. Eles estavam correndo. Call não acreditava que a sua resposta tinha funcionado tão bem.

– É isso aí, – disse ele, se sentando. – É melhor correrem!

Então ele olhou ao redor e viu que o concreto do parquinho havia quebrado. Uma longa fissura ia dos balanços até a parede do galpão, dividindo o pequeno prédio no meio.

Ele estava diretamente no caminho do que parecia ser um mini terremoto.

Ele achou que foi a coia mais incrível que já aconteceu. Seu pai discordou.

– A mágica é de família, – disse o pai de Callum. – Nem todo mundo na família vai ter, mas parece que você tem. Infelizmente. Lamento muito, Call.

– Então a rachadura no chão, você está dizendo que eu fiz aquilo? Call se sentiu dividido entre alegria estonteante e terror intenso, mas a alegria estava ganhando. Ele pode sentir os cantos de sua boca se curvando para cima e tentou forçá-los para baixo. – Então é isso que magos fazem?

– Magos tiram suas forças dos elementos: terra, ar, água, fogo e até o vácuo, que é a fonte mais poderosa e horrível mágica de todas, a mágica do caos. Eles podem usar a mágica para várias coisas, inclusive para rasgar a terra como você fez. – Seu pai acenou a cabeça para si. – No começo, quando a mágica aparece pela primeira vez, é muito intensa. Poder bruto... mas o equilíbrio é o que tempera a habilidade mágica. Mágicos jovens possuem pouco controle. Mas Call, você deve lutar contra isso. E você nunca deve sua mágica de novo. Se você o fizer, os magos vão levá-lo embora para os túneis deles.

– Isso é onde fica a escola? O Magistério é subterrâneo? – perguntou Call.

– Enterrado embaixo da terra onde ninguém consegue achar, – disse seu pai sombriamente. – Não há luz lá, nem janelas. O lugar é um labirinto. Você podia se perder nas cavernas e morrer e ninguém ia saber.

Call lambeu os lábios repentinamente secos.

– Mas você é um mago, não é?

– Eu nunca usei minha magia desde que sua mãe morreu. Eu nunca vou usá-la novamente.

– E a mamãe foi lá? Para os túneis? Sério? – Call estava ansioso para ouvir alguma coisa sobre sua mãe. Ele não sabia muito sobre ela. Algumas fotografias amareladas em um livro de fotos velho, mostrando uma mulher bonita de cabelo preto da cor de Call e uma cor de olho que ele não conseguia identificar. Ele sabia melhor do que perguntar a seu pai muito sobre ela. Ele nunca falava sobre a mãe de Call, somente quando precisava.

– Sim, ela foi. – O pai de Call disse a ele. – E foi por causa da magia que ela morreu. Quando os magos estão em guerra, o que acontece muitas vezes, eles não se preocupam com as pessoas que morrem por causa disso. Que é a outra razão pela qual você não deve atrair a atenção deles.”

Naquela noite, Call acordou gritando, acreditando que ele estava preso no subsolo, terra acumulando sobre ele, como se ele estivesse sendo enterrado vivo. Não importava o quanto ele se debatia, ele não conseguia respirar. Depois disso, ele sonhou que estava fugindo de um monstro feito de fumaça cujos olhos rodavam com mil cores malignas diferentes... só que ele não podia correr rápido o suficiente por causa de sua perna. Nos sonhos, ela arrastava atrás dele como uma coisa morta, até que ele entrou em colapso com a respiração quente do monstro em seu pescoço.

As outras crianças da sala de Call tinham medo do escuro, de monstros debaixo as cama, zumbis ou assassinos com machados gigantes. Call tinha medo de magos, e muito mais medo de ele ser um.

Agora ele ia conhecê-los. Os mesmos magos que foram à razão de sua mãe estar morta e seu pai dificilmente rir e não ter nenhum amigo, ao invés, ficava na sala de trabalho que ele havia feito na garagem e consertava móveis, carros e joias. Call não achava que era preciso ser um gênio para descobrir o motivo de seu pai ser obsessivo em juntar coisas quebradas.

Eles passaram por uma placa dando boas vindas a Virginia. Tudo parecia o mesmo. Ele não sabia o que esperava, mas raramente havia saído da Carolina do Norte antes. Suas viagens para além de Asheville foram raras, a maioria para encontros de troca de peças de carro e feiras de antiguidades onde Call costumava passear entre montes de prata polida e coleções de cartões de beisebol em luvas plásticas enquanto seu pai esperava algo chato.

Ocorreu a Call que se ele não reprovasse no teste, ele não teria que ir a esses encontros de novo. Seu estômago embrulhou e um calafrio sacudiu seus ossos. Forçou-se a pensar sobre o plano que seu pai havia perfurado nele: *Deixe sua mente completamente em branco. Ou se concentre no contrário do que aqueles monstros querem. Ou foque sua mente no teste de outra pessoa.*

Ele soltou a respiração. Os nervos de seu pai estavam chegando a ele. Ia ficar tudo bem. É fácil reprovar em testes.

O carro saiu da rodovia para uma estrada estreita. A única placa tinha um símbolo de um avião, com as palavras “Campo de pouso fechado para reforma” em baixo.

– Para onde vamos? – Perguntou Call. – Vamos voar para algum lugar?

– Vamos esperar que não, – seu pai murmurou. A rua se transformou abruptamente de asfalto para terra. Com eles colidindo durante algumas centenas de metros a frente, Callum agarrou o batente da porta para impedir de pular para cima e bater a cabeça no teto.

De repente, a pista se abriu e as árvores se separaram. O Rolls agora estava em um enorme espaço livre. No meio havia uma enorme hangar feito de aço corrugado. Estacionado em torno dele havia uma centena de carros, desde picapes até sedans quase tão chiques como o Phantom e alguns mais recentes. Call viu pais e seus filhos, todos com sua idade, correndo em direção ao hangar.

– Eu acho que estamos atrasados, – disse Call.

– Bom.

Seu pai parecia sombriamente satisfeito. Ele puxou parou o carro e saiu, fazendo um gesto para Call o seguir. Callum estava contente de ver que seu pai parecia ter esquecido as muletas. Era um dia quente, e o sol batia na parte de trás da camiseta cinza de Call. Ele limpou as palmas das mãos suadas na calça jeans enquanto caminhava através do lote para o grande espaço perto aberto que era a entrada do hangar.

Dentro, tudo era uma loucura. Crianças circulavam, suas vozes pelo no vasto espaço. Arquibancadas foram criadas ao longo de uma parede de metal; mesmo sabendo que poderia caber mais pessoas que estavam presentes, eles foram diminuídos pela imensidão da sala. Fitas azuis brilhantes marcavam X e círculos ao longo do piso de concreto.

Do outro, em frente a um conjunto de portas do hangar, que uma vez poderiam ter servido para abrir e permitir que aviões saíssem para pista, estavam os magos.